

BRASIL + ÁSIA: A VISÃO DA DIPLOMACIA BRASILEIRA SOBRE O CONTINENTE ASIÁTICO NO PERÍODO LULA.

ALUNO: DOUGLAS OTAVIANO RIBEIRO¹
ORIENTADOR: Prof. Dr. LEONARDO MÉRCHER²

RESUMO

Em uma análise do período de governo de Luiz Inácio Lula da Silva e suas relações com o continente asiático encontramos exemplos de avanços e oportunidades, perdidas ou não, criando uma comparação com a política exterior de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, e traçando um perfil de seu governo em relação a este continente. Dados sobre comércio, diplomacia e política são usados para criar este texto que busca mostrar algumas das vantagens da aproximação com os países asiáticos e da política Sul-Sul tão falada na primeira década deste século. Ao enumerar os países asiáticos com os quais o Brasil mais progrediu em suas relações, encontramos semelhanças entre eles e podemos dizer exatamente sua importância para o nosso país, seja política ou econômica, criando uma linha de raciocínio que nos leva a pensar em perspectivas e exemplo para a condução do futuro das relações internacionais de nosso país.

Palavras chave: Ásia. Lula. FHC, Economia, Política exterior.

1 INTRODUÇÃO

Concentrado no período do governo de Luiz Inácio Lula da Silva e passando brevemente pelo governo de seu antecessor, identificando e analisando as iniciativas do Itamaraty direcionadas ao continente asiático, assim como suas relações políticas e econômicas, este artigo busca apontar algumas vantagens e caminhos criados para e pela relação com os países do continente asiático.

Com o objetivo de analisar as mudanças na política externa brasileira para a Ásia do governo FHC para o governo Lula; conceituar a visão política e econômica da diplomacia brasileira para a Ásia; identificar as oportunidades que se encontram nos países asiáticos; avaliar os desafios possíveis para tais relações e identificar quais Estados asiáticos o Brasil mais se aproximou

¹ Aluno do curso de bacharelado em relações internacionais da Uninter.

² Doutor em Ciência Política (UFPR, 2016).

diplomáticamente no Governo Lula. A análise deste período de expansão das relações internacionais do Brasil, é útil para ajudar a compreender os acertos e erros que poderão ser seguidos como exemplos para novos governos em suas relações com a Ásia.

2 O CAMINHO DO GOVERNO LULA NA ÁSIA

Para entender o contexto de muito do que aconteceu durante o governo de Luíz Inácio Lula da Silva (1º de janeiro de 2003 até 31 de dezembro de 2010), ao se tratar de suas relações com o continente asiático, é necessário que se analise também o que aconteceu durante o governo de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso (1º de janeiro de 1995 até 1º de janeiro de 2003). Apesar de suas diferenças partidárias, devemos reconhecer também suas similaridades na maneira de se conduzir o Brasil no sistema internacional. As evoluções que aconteceram nas relações entre nosso país e a Ásia no período Lula são notáveis, inegáveis e históricas; entretanto, portas foram abertas durante os tempos de FHC e seus motivos vão além de associações ideológicas, passam por necessidades econômicas e oportunidades em longo prazo.

Hoje, 2018, quando escrevo este artigo, é comum que ao se falar de Lula e Fernando Henrique logo se pense em lados opostos. Isso acontece por causa do momento político atual onde os partidos aos quais os dois pertencem, PT e PSDB, se rivalizaram de uma maneira extrema principalmente para evitar associações aos recentes escândalos de corrupção em torno do nome do ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva. Obviamente, já havia similar rivalidade no período em que os dois ocuparam a presidência da república, porém existia também uma relação amistosa entre os dois ex-presidentes. Ao analisar notícias e arquivos relacionados ao período da transição entre os dois isso fica claro, mostrando inclusive como houve certa continuidade em alguns aspectos.

2.1 A SITUAÇÃO POLÍTICA PRÉ GOVERNO LULA

Se considerarmos os anos em que estive à frente do Ministério das Relações Exteriores e do Ministério da Fazenda durante o governo de Itamar

Franco, podemos dizer que Fernando Henrique Cardoso esteve em destaque no governo brasileiro por quase dez anos. Sua passagem pelo Itamaraty foi bem curta, de 5 de outubro de 1992 a 20 de maio de 1993, assumindo logo em seguida o Ministério da Fazenda onde comandou a elaboração do Plano Real, responsável por estabilizar a economia. A partir daí, inicia-se uma gradativa aproximação com a Ásia. Em destaque, podemos colocar a visita realizada à Malásia em 1995, a primeira de um presidente brasileiro desde o estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países em 1959. Na ocasião, o então presidente Fernando Henrique Cardoso encontrou-se em Kuala Lumpur com o então secretário-geral da Asean (Associação de Nações do Sudeste Asiático), Ajit Singh. Em sequência, no ano de 1996, foi realizado um almoço de trabalho entre os ministros de assuntos econômicos do Mercosul e da Asean, em Singapura, quando o Brasil foi representado em nível de secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda (VELOSO, 2017, pág. 261). Em Abril do ano seguinte, 1997, temos a visita ao Brasil de Ajit Singh. Após esta visita do secretário-geral da Asean ao nosso país, diversos ministros latino-americanos foram convidados a participar de uma reunião do bloco asiático que aconteceria em outubro do mesmo ano (OSAVA, 1997, ipsnews.net). O interesse mútuo entre Asean e Brasil/Mercosul, apresentado nessas visitas, tem importância por representar uma visão de relacionamento Sul-Sul mesmo que o termo ainda não fosse tão utilizado naquela época. Uma relação entre países em desenvolvimento que buscam uma relação sem se subordinar à grandes potências tradicionais. Interesse que atravessou pelo governo Lula e vem se intensificando até hoje.

2.1.1 Economia

1997 também marca o ano em que ocorreu a crise asiática, que afetou principalmente os países da Asean. O ponto de combustão da crise aconteceu quando a Tailândia foi forçada a desvalorizar sua moeda, o bath, em 18%. Não demorou para que a crise se espalhasse por outros países do sudeste asiático como a Malásia e a Indonésia. Segundo o site G1.com, “Quando atingiu a Coreia do Sul, uma das maiores potências da região, passou a ser vista como uma ameaça real para o sistema financeiro mundial.” (G1.com, 2007). A crise

não passou despercebida pelo Brasil; pelo contrário, ela afetou o potencial de crescimento que país tinha na época, mesmo que a evolução econômica tenha se mantido. Em matéria publicada pelo jornal O Globo em 2013, onde relembra notícias da época da crise que estamparam suas páginas, é afirmado que:

A crise bateu forte no Brasil, o país latino-americano mais afetado por ela. Para evitar a mesma fuga de recursos externos, o governo elevou os juros para mais do dobro, o que, no entanto, acabou provocando forte desaceleração da economia brasileira. Um ano após a turbulência asiática, estourou a crise financeira da Rússia, contaminada pelos efeitos do enfraquecimento das economias dos tigres asiáticos, em meio à redução do crédito no mercado internacional. (O Globo, 2013)

Os ocorridos marcam exatamente o período eleitoral que se aproximava e que daria o segundo mandato a Fernando Henrique Cardoso. Entre as metas declaradas em seu plano de governo, chama atenção a de duplicar as exportações brasileiras atingindo cem bilhões de dólares até o ano de 2002 (Programa de Governo FHC/PSDB – 99-02, 1998, pág. 32). Em entrevista à Folha de São Paulo em agosto de 1998, Carlos Américo Pacheco, coordenador do programa de governo de FHC, admitia que cumprir tal meta não seria fácil por causa de “turbulência externa” (CRUZ, Folha de São Paulo, 1998). É importante estabelecer que os dados referentes à Ásia na época expressavam que:

As exportações brasileiras para os países asiáticos caíram 20,39% nos seis primeiros meses deste ano quando comparadas com o mesmo período de 1997. Os dados do governo mostram que as exportações para a Ásia caíram de US\$ 3,672 bilhões no primeiro semestre do ano passado para US\$ 2,923 bilhões no mesmo período de 1998. Essa queda nas exportações chegou a 48,1% nos países mais atingidos pela crise: Malásia, Indonésia, Coreia do Sul, Filipinas e Tailândia. (CRUZ, Folha de São Paulo, 1998)

É possível estabelecer um *link* direto entre esta meta, a situação econômica causada pela crise asiática e a viagem realizada pelo ex-presidente à Coreia do Sul, Timor-Leste e Indonésia acompanhado por uma comitiva de 100 pessoas no ano de 2001 (Agência Estado, 2001). Como objetivos, a viagem, buscava reduzir as distâncias culturais e econômicas que separam os países asiáticos e o Brasil capitalizando a visita na forma de investimentos e acordos de cooperação; com destaque para a Coreia do Sul, onde a passagem

de FHC serviu para impulsionar um acordo assinado em 1995 que visava facilitar a realização de investimentos entre os dois países (BBC Brasil, 2001).

2.1.2 A transição

Colocando de lado o tom da campanha de José Serra, candidato do PSDB à sucessão de Fernando Henrique como presidente, contra Lula, já que é normal a euforia em campanha, a transição entre os governos FHC e Lula ocorreu de forma amigável e democrática. Fernando Henrique Cardoso pensava que uma derrocada econômica durante a transição ou nos primeiros anos de governo Lula seriam debitados na sua conta, já que a vulnerabilidade na economia externa era sua herança mais perversa (ALENCAR, 2002, Folha de SP).

É fato que FHC conquistou prestígio internacional durante seus anos de governo. Em reportagem de outubro de 2002, Kennedy Alencar relata que, após encontro entre representantes de Lula e FHC, acordos foram fechados em benefício recíproco. Um deles foi o de FHC se tornar uma espécie de avalista internacional de Lula como forma de tranquilizar o mercado:

Nas conversas com a comunidade internacional, FHC já vem cumprindo o papel de avalista de Lula. Foi assim, por exemplo, que surgiu uma notícia no jornal argentino "Clarín", nas vésperas do primeiro turno, dando conta de que FHC dissera à comitiva do presidente do país vizinho, Eduardo Duhalde, que Lula venceria a eleição em 6 ou em 27 de outubro. Para não melindrar Serra, FHC negou o comentário. Mas consta que, perante os argentinos que visitavam Brasília, FHC fez elogios a Lula, tratando-o como um político equilibrado, bem-intencionado e incapaz de arroubos que coloquem em risco a estabilidade monetária.(ALENCAR, 2002, Folha de SP)

A intenção aqui é demonstrar como o comportamento amistoso e democrático durante a transição facilitou para que Lula pudesse começar o seu governo com uma boa imagem perante a comunidade internacional. Colocado isto, a porta para os países asiáticos estava aberta. Sem tirar nenhum mérito de Lula, que soube aproveitar o momento a seu favor, é válido dizer que em condições menos favoráveis da economia e da imagem internacional do Brasil, seu caminho poderia ter sido totalmente diferente. Fernando Henrique já esperava a vitória de Lula e soube se portar diante disto.

Em 19 de agosto, dia em que recebeu os quatro principais presidenciáveis, fez deferência especial a Lula. O petista foi o único convidado para uma conversa a sós. FHC elogiou a moderação do petista na campanha e deixou claro que, se Serra não chegasse ao segundo turno, jamais votaria em Ciro. Para Lula, foi quase uma declaração de voto. O petista julga "exemplar e democrático" o comportamento de Fernando Henrique na eleição. Diz que não houve abuso da máquina, nem jogo baixo. (ALENCAR, 2002, Folha de SP)

2.2 LULA E A ÁSIA

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ficou conhecido pela sua extensa agenda internacional que priorizava países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, diferenciando-se de outros governantes que tinham como rota tradicional países da América do norte e Europa. Pode-se creditar a Lula, e sua equipe de governo, a popularização do termo "Sul-Sul" entre jornalistas e internacionalistas brasileiros na primeira década dos anos 2000. Esse direcionamento não tradicional dos olhos do Brasil sobre, principalmente, países africanos, latinos e asiáticos marca uma estratégia que, na época, foi muito questionada por seus adversários, mas também elogiada.

Desde seus primeiros discursos, Lula deixou claro que pretendia dar menos destaque a relacionamentos verticais com características Norte-Sul abrindo espaço para que fosse estabelecida uma linha horizontal ligando o Brasil a seus similares. Seu pensamento, visava o Brasil, em suas próprias palavras, como um país grande, com vocações para crescer e que não precisava pedir licença a ninguém para estabelecer suas relações diplomáticas, políticas e comerciais (LULA, 2003, discurso de abertura do Seminário "Brasil – China: Um salto necessário). O reconhecimento do países asiáticos como promissores parceiros do Brasil era claramente uma meta para realização dos ideais de Lula.

E se temos uma vocação regional, somos, também, um país global. Da mesma forma que a integração nacional passa pela integração regional, estou convencido de que a aproximação com a Ásia e, em particular, com a China, será decisiva para o Brasil realizar esse destino maior. (LULA, 2003, discurso de abertura do Seminário "Brasil – China: Um salto necessário)

2.2.1 Brasil em busca da Ásia

O Brasil da era Lula se deparou com diversas oportunidades e desafios ao mirar na Ásia. Sua agenda, de forma simplificada, pode ser resumida em econômica e política. Era de entendimento do governo que, para realizar suas metas, deveria manter um crescimento econômico constante. Manter um ritmo de aumento nas exportações e garantir a entrada de investimentos estrangeiros no nosso país era a melhor forma de se atingir isto.

O continente asiático, desde os anos 1990, já vinha apresentando taxas de crescimento impressionantes principalmente pela rápida industrialização da China e dos países conhecidos como Tigres asiáticos. Tão grande e impressionante, também, era e é o número de pessoas vivendo neste continente, cerca de 60% da população mundial segundo dados da divisão de estudos da população da ONU (ONU,2017). A China, por exemplo, soube aproveitar bem este elevado número e o transformou em mão de obra para construir a grande potência que é hoje.

Quando analisamos as vantagens comparativas do Brasil e da Ásia, chegamos a um casamento perfeito; a Ásia, é a fábrica e, o Brasil, o fornecedor. O nosso país possui vocação natural para agricultura e pecuária, possuímos recursos naturais em abundância, enquanto que a Ásia possui interesse e necessidade de alimentar suas fábricas e seus habitantes. De certo, a primeira vista isto estabelece uma espécie de relação Norte-Sul, já que muito dessa matéria prima volta ao Brasil em forma de produtos acabados. Mas devemos lembrar que os países asiáticos, em sua maioria, se encontram em estado desenvolvimento similar ao do Brasil, e levando em conta a teoria da vantagem comparativa ricardiana, o relacionamento estabelecido é vantajoso para ambos.

2.2.2 O comércio exterior

Se compararmos os números do comércio exterior brasileiro, exportação, para a Ásia entre o ano de 2002, que foi o último ano do governo de FHC, e 2010, último ano do governo de Lula, chegamos a impressionante resultados. As exportações brasileiras para o continente asiático, excluindo o Oriente médio, saltaram de aproximadamente US\$ 8.8 bilhões para mais de

US\$ 56 bilhões. Em números absolutos, considerando apenas o ano de 2002 e 2010, representa mais de 540% de aumento em um período de apenas 8 anos. Para comparação, em 2002 a América do Norte era o principal destino para nossos produtos somando a quantia aproximada de US\$ 18 bilhões, seguido da Europa com aproximadamente US\$ 17 bilhões. Em 2010, a América do norte representava US\$ 25 bilhões, em uma evolução que não foi de aumentos consistentes ao longo dos anos, enquanto a Europa chegou a mais US\$ 51 bilhões. Com isto, tivemos uma reviravolta na colocação de nossos parceiros comerciais com a Ásia assumindo o primeiro lugar como destino de nossas exportações. Se considerarmos países e não regiões, continuamos na Ásia, tendo a China superado os Estados Unidos da América como nosso principal parceiro comercial. (Ministério do desenvolvimento, indústria e comércio exterior. Estatísticas de comércio exterior, Séries históricas. 2002 a 2010).

2.2.3 Brasil e seus principais parceiros asiáticos

Em 2017, a Fundação Alexandre de Gusmão lançou o livro “Os desafios e oportunidades na relação Brasil-Ásia na perspectiva de jovens diplomatas” (BARBOSA, Pedro Henrique Batista (organizador). – Brasília : FUNAG, 2017.) Que traz uma coletânea de textos escritos por diplomatas em início de carreira mostrando seus pontos de vista sobre alguns países asiáticos. Tendo em consideração os principais países e blocos econômicos com os quais o Brasil desenvolveu suas relações, temos: China, Japão, Índia, Coreia do Sul, Coreia do Norte e ASEAN. O Brasil também evoluiu em seu relacionamento com países da Ásia central, porém estes não serão o foco desse texto. A visão destes diplomatas é paralela com o conceito de sul global tão desenvolvido durante a era Lula, provavelmente, por eles terem entrado para o Itamaraty exatamente nesta época que foi de expansão para nossas relações internacionais.

Durante os anos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, os mecanismos plurilaterais foram agentes fundamentais de sua política exterior. Entre eles, devemos destacar o IBAS e os BRICs. Estes dois fóruns de diálogo possuem em suas formações duas grandes potências asiáticas, a China e a Índia. Fundamentais para a condução das aspirações brasileiras a um papel de

destaque na condução das questões globais, estes dois países tiveram papel muito importante durante a primeira década do anos 2000.

Em seu discurso de posse, Lula mencionou diretamente a Índia como prioridade em sua política externa; no mesmo ano, 2003, foi criado o fórum de diálogo IBAS que tinha no *soft power* a sua forma de promoção aos assuntos globais. Em 2004, foi assinado o acordo de comércio preferencial (ACP) entre Mercosul e Índia, porém, segundo Paulo Antônio Viana Júnior (FUNAG. pág. 103. 2017) o nível de atividades comerciais e de investimentos ficou longe de alcançar seu potencial. O aumento do comércio entre os dois países dependia, em grande medida, do empresariado de ambos e da capacidade em diversificar sua pauta exportadora de maneira a atingir uma parcela mais ampla de mercado. Em 2006, aconteceu o estabelecimento de parceria estratégica entre Brasil e Índia, duas das maiores democracias do mundo. Politicamente, através do G4 (Brasil, Alemanha, Japão e Índia) compartilham o desejo de uma reforma no Conselho de segurança das Nações Unidas.

A China, a partir dos anos 2000, passou a representar uma grande parcela do crescimento mundial seja direta ou indiretamente. A centralidade dos intercâmbios comerciais que grande parte dos países possuem com a China, faz dela uma potência econômica e política. A vulnerabilidade do dólar americano passou a aumentar o interesse da China em internacionalizar sua moeda, o renminbi, e uma forma de fazer isto são os investimentos diretos em outras economias, sendo o Brasil o seu principal destino na América do Sul.

O crescimento do papel da China na economia brasileira foi acompanhado por um adensamento das relações diplomáticas, expressa na criação em 2004 da Comissão Sino- Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban). (JAGUARIBE, Anna (organizadora). Direction of Chinese global investments : implications for Brazil .pág 181. FUNAG, 2018.)

Parceiro já tradicional, o Japão, que possui laços humanos e históricos com o Brasil, também registrou reaproximação econômica com o Brasil na primeira década deste século. Em visita do presidente Lula ao Japão, em 2005, os dois países adotaram o “Programa conjunto de revitalização das relações econômicas” que abrangia áreas como energia, mineração, infraestrutura, biocombustíveis e agricultura. Entre 2001 e 2009, o investimento externo japonês no Brasil já somava US\$ 11 bilhões segundo João Augusto Costa

Vargas (JAGUARIBE, Anna (organizadora). Direction of Chinese global investments : implications for Brazil .pág 69. FUNAG, 2018.).

Com a Indonésia, o Brasil estabeleceu parceria estratégica em 2008, durante visita presidencial. Com isso, permitiu-se maior aproximação política com os países da ASEAN, bloco do qual o país faz parte. Também neste bloco, uma das áreas que mais desperta atenção sobre o Brasil são as políticas de redução da pobreza. O Ministério do desenvolvimento social e combate à fome criou seminários periódicos, aos quais vários países eram simultaneamente convidados, como mostra Rafael Alonso Veloso (JAGUARIBE, Anna (organizadora). Direction of Chinese global investments : implications for Brazil .pág 239. FUNAG, 2018.).

Nas Coreias temos dois pontos à abordar, o primeiro é econômico; e o segundo, político. A Coreia do Sul pertence a um seleto grupo de países recentemente industrializados e com destaque nas áreas de tecnologia, engenharia e ciência dos materiais, fonte de grande interesse para parcerias bilaterais com o Brasil. Empresas Sul Coreanas como a LG electronics, a Hyundai e a Samsung atuam e investem no Brasil, movimentando nossa economia.

Com relativos avanços alcançados durante o período conhecido como “Sunshine policy”, por parte da Coreia do Sul em relação à sua vizinha, Coreia do Norte, o governo brasileiro decidiu abrir uma embaixada em Pyongyang. A Coreia do Norte já possuía embaixada em Brasília desde 2005. Essa foi uma oportunidade encontrada pelo Itamaraty de, mais uma vez, demonstrar sua capacidade de exercer papel importante em questões globais. Além disso, a abertura da embaixada na Coreia do Norte representa um pensamento visionário que considerou a importância geopolítica do país para alguns dos nossos principais parceiros comerciais, como a China e os Estados Unidos da América. De acordo com o diplomata Eduardo Figueiredo Siebra (FUNAG, 2018), ao considerar os possíveis cenários para a evolução da situação coreana, o Brasil observou as potenciais oportunidades econômicas e de cooperação, que podem surgir em condição bilateral, com o desdobramento e uma possível abertura econômica da Coreia do Norte. Observando hoje, podemos verificar que vem acontecendo uma aproximação da Coreia do Norte

com o resto do mundo e tal evolução pode vir a tornar a embaixada do Brasil na Coreia do Norte mais importante do que se pensa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva representou um momento de expansão para o Itamaraty em diversas partes do mundo. Ao se tratar da Ásia, a política externa de Lula criou caminhos a partir do aproveitamento em que o mundo se encontrava. O impressionante crescimento econômico do continente asiático, principalmente impulsionado pela China, surgiu como um casamento perfeito para o Brasil apoiar suas maiores ambições políticas e econômicas. Através de sua política baseada no conceito Sul-Sul, o Itamaraty foi capaz de construir caminhos não tradicionais para o Brasil, desenvolvendo uma nova dinâmica que acompanhou a realidade do século que se iniciava. O estabelecimento de um comportamento horizontal entre os países formando uma nova ordem mundial é inédito na história da humanidade, principalmente se considerarmos que essa nova ordem parte do sul global.

O Crescimento econômico do Brasil na era Lula só foi possível graças a este bom aproveitamento do momento e de suas vantagens comparativas de produção em relação à Ásia. A combinação de suas ambições econômicas e políticas foram colocadas em medidas apropriadas, atingindo assim o sucesso esperado. É importante mencionar que, ao assumir o governo e estabelecer sua política externa, Lula se aproveitou do caminho que vinha sendo iniciado no anos 1990 pelo seu sucessor. Apesar de ser um caminho natural, é inegável que em outras circunstâncias os primeiros anos do governo Lula poderiam ser desastrosos ou focados em uma política totalmente diferente.

Ao observarmos hoje, podemos ver uma situação totalmente diferente, com um governo eleito que demonstra que irá seguir uma política externa totalmente diferente da que Lula tanto pregou em seu mandato. Não cabe aqui analisar os potenciais da política externa do novo governo que começa no próximo ano, mas, certamente nos próximos anos, em se tratando de Ásia, poderemos estabelecer um comparativo entre a política Sul-Sul, multilateral e a política bilateral que fará negócios “sem viés ideológicos” que, segundo o presidente eleito, será feita em seu governo.

Entre oportunidade perdidas, destaco a Índia, que, apesar da aproximação forte que ocorreu com o Brasil no início da primeira década deste século, não teve seu potencial totalmente aproveitado. Porém, podemos dizer que agora existe alí uma porta aberta. A Índia se tornará o país mais populoso do planeta em breve e, a exemplo da China, sua crescente classe média irá consumir cada vez mais. É preciso diversificar nossa relação comercial com este país o quanto antes para que esta não seja uma oportunidade perdida.

Dois dos considerados “Monster countries” por George Kennan (1994) estão na Ásia, três se considerarmos a parte asiática da Rússia, e ao lado do Brasil formam um grupo único. Os “Monster Countries” são Brasil, Rússia Índia, China e Estados Unidos. Dos cinco, apenas um é considerado um país do Norte global, o que demonstra que o poder concentrado no Sul é muito grande e será decisivo para a ordem mundial neste século.

O papel do Brasil nas questões globais, tendo como exemplo o que aconteceu durante o governo Lula, dependerá do suporte de seus similares, que em grande parte se encontram na Ásia. Seja política ou economicamente, a decisão de ser protagonista ou um mero coadjuvante dependerá da escolha entre Norte ou Sul para suas relações preferenciais, principalmente se levarmos em conta o fato de o Brasil não ser uma potência militar e estar tradicionalmente associado ao uso do soft power na condução de assuntos internacionais.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. FHC defende sua viagem à Ásia. 2001. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,fhc-defende-sua-viagem-a-asia,20010126p34757>

ALENCAR, Kennedy. FHC e Lula criam 'ponte para o futuro'. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2710200225.htm>

BARBOSA, Pedro Henrique Batista (organizador). Os desafios e oportunidades na relação Brasil-Ásia na perspectiva de jovens diplomatas – Brasília : FUNAG, 2017.

BBC BRASIL. FHC visita a Ásia em busca de comércio e investimentos. 2001. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010117_fhc.shtml

BRAZIL, MINISTRY OF EXTERNAL RELATIONS, BUREAU OF DIPLOMATIC PLANNING. Lula's government foreign policy (2003-2006) : a chronology) — Brasília : FUNAG, 2008.

CRUZ, Valdo. Efeito Ásia afeta meta do candidato FHC. Folha de São Paulo, 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi13089802.htm>

DIVISÃO DE ESTUDOS DA POPULAÇÃO DA ONU E WORLD POPULATION CLOCK. População mundial. 2017

G1. Crise da ásia completa 10 anos. 2007. Disponível em:

http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,AA1577051-9356,00-CRISE+DA+ASIA+COMPLETA+ANOS.html

JAGUARIBE, Anna (organizador) Direction of Chinese global investments : implications for Brazil . — Brasília : FUNAG, 2018.

LULA. 2003, discurso de abertura do Seminário Brasil – China: Um salto necessário

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Estatísticas de comércio exterior, Séries históricas. 2002 a 2010. Disponível em:

<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/series-historicas>

O GLOBO, Acervo. Tigres Asiáticos entram em crise, em 1997, e provocam turbulência global. 2013. Disponível em:

<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/tigres-asiaticos-entram-em-crise-em-1997-provocam-turbulencia-global-10260624>

OSAVA, Mário. AMERICAS: Mercosur, More Than a Pawn in the Global Chess Game. 1997. Disponível em:

<http://www.ipsnews.net/1997/04/americas-mercotur-more-than-a-pawn-in-the-global-chess-game/>

PSDB. Programa de Governo FHC/PSDB – 99-02, 1998.